

**INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA:
DA CENA DO MUNDO PARA A CENA DA SALA DE AULA**

*Polyanna Castro Rocha Alves**
*Sávio Siqueira***

RESUMO: Para atender à comunidade global, a Língua Inglesa (LI) passou a ter papéis e funções diferentes, dando lugar a uma variedade de ingleses que se desenvolve em cenários distintos com suas próprias normas. Por esta perspectiva, o presente artigo tem como propósito ressaltar a relevância da LI na atual configuração mundial, salientar os princípios orientadores do Inglês como Língua Franca (ILF) e acentuar as implicações pedagógicas da visão de inglês que inclui o mundo. A literatura utilizada para embasar e direcionar o trabalho está fundamentada na produção de pesquisadores afiliados aos recentes estudos sobre o ILF como Seidlhofer (2003, 2004, 2011), Jenkins (2006, 2007, 2009), Widdowson (1994), Siqueira (2011), Sifakis (2014), só para citar alguns. A partir da discussão empreendida, será possível compreender os potenciais desafios e as novas prioridades que incorrem sobre o ensino de LI na era pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade global; Implicações pedagógicas; Inglês como Língua Franca.

Introdução

O inglês hoje, como causa e consequência da globalização, serve como o meio mais comum para a comunicação internacional e, principalmente, intercultural. Diante disso, tem-se argumentado que a internacionalização do inglês significa que a língua dei-

* Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Campus VI.

** Doutor em Letras e Linguística pela Ufba. Professor Adjunto IV do Departamento de Letras Germânicas do Instituto de Letras da Ufba.

xou de ser domínio exclusivo dos seus tradicionais falantes nativos, tornando-se propriedade de todos que a utilizam (SEIDLHOFER, 2011; WIDDOWSON, 1994). Como bem salientado por Leffa (2001, p. 346),

Uma língua multinacional, como o inglês, caracteriza-se por não ter nacionalidade. Adapta-se como um camaleão não aos interesses da Inglaterra ou dos Estados Unidos, mas aos interesses das pessoas que a falam e que podem ser do Japão, da Suíça, ou mesmo do Brasil. Pode ser a língua da Internet, da Globalização ou do capitalismo, mas não é a língua de um determinado país.

Essa natureza plural do inglês que representa seus respectivos usuários, em contextos diversos, é raramente reconhecida e legitimada nos meios educacionais. Contudo, a visão que supõe que o inglês correto é aquele que adere às normas da língua e cultura do inglês como língua nativa vem sendo amplamente contestada. Com efeito, o cenário contemporâneo de ensino de Língua Inglesa (LI) sugere a necessidade de um conceito de inglês que aceite a pluralidade em detrimento de visões monolíticas que enxergam o idioma como propriedade de determinada cultura ou comunidade (JENKINS, 2006). Assim é que as discussões em torno do ensino de Inglês como Língua Franca (ILF) têm sido validadas.

Com vistas ao exposto, este artigo tem como propósito ressaltar a relevância da LI na atual configuração mundial, salientar os princípios orientadores do ILF e acentuar as implicações pedagógicas da visão de inglês que inclui o mundo. A discussão segue contextualizada com as vozes de vários teóricos de notabilidade nacional e internacional sobre a temática.

O protagonismo do inglês na cena mundial

Para entender a atual situação linguística sem precedentes, na qual o inglês tem alcançado dimensões globais, cumpre destacar que uma língua não atinge tais proporções por causa das suas propriedades estruturais intrínsecas, ou por causa da extensão de seu vocabulário, nem tampouco por estar associada a uma grande cultura ou religião, mas por

uma razão principal: o poder político, econômico e militar de seu povo (CRYSTAL, 2003). Assim sendo, torna-se compreensível o fato de o colonialismo britânico e o capitalismo americano terem sido os responsáveis pelo progresso e pela expansão brutal do inglês como um meio de comunicação através das fronteiras geográficas. A esse respeito, Crystal (2003, p. 120) sublinha que

Nos séculos XVII e XVIII, o inglês era a língua da principal nação colonizadora – a Grã-Bretanha. Nos séculos XVIII e XIX, era a língua da nação que liderou a Revolução Industrial – também a Grã-Bretanha. No final do século XIX e início do século XX, era a língua da maior potência econômica – os EUA. Desta forma, quando as novas tecnologias geraram novas oportunidades linguísticas, o inglês emergiu como uma língua de grande importância em indústrias que afetaram todos os aspectos da sociedade.¹

A partir desse momento, falar inglês para se comunicar com o mundo atual tornou-se algo praticamente imprescindível e, no desenrolar de tal processo, muitos estudos surgiram e têm surgido no sentido de tentar discutir e explicar as consequências do fenômeno de expansão do inglês pelo planeta. Dentre os modelos teóricos que buscam representar a referida expansão global do inglês, a pioneira proposta de Kachru (1985), que consiste em dividir o uso do inglês pelo mundo em três categorias (Figura 1), ou seja, em três círculos concêntricos (apesar de muitos autores contestarem que o paradigma não dá mais conta da realidade global contemporânea de grandes fluxos migratórios), ainda exerce grande influência entre pesquisadores e, conseqüentemente, serve de ponto de partida para muitas elaborações nos mais diversos níveis, incluindo o político, social, cultural, ideológico e, naturalmente, o pedagógico.

¹ *In the seventeenth and eighteenth centuries English was the language of the leading colonial nation – Britain. In the eighteenth and nineteenth centuries it was the language of the leader of the industrial Revolution – also Britain. In the late nineteenth and the early twentieth it was the language of the leading economic power – the U.S.A. As a result, when new technologies brought new linguistic opportunities, English emerged as a first-rank language in industries which affected all aspects of society.*

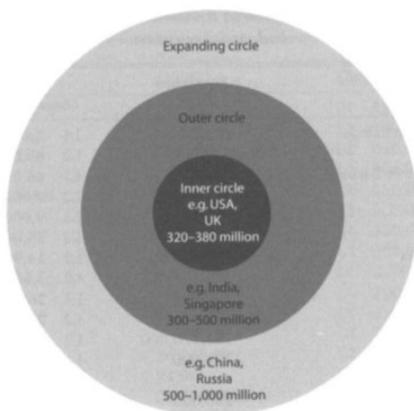


Figura 1. Os três círculos concêntricos do inglês (KACHRU, 1985)

Fonte: Crystal (2003, p. 61)

Este modelo une vários níveis de análise, pois, como previamente mencionado, propõe agrupar em círculos concêntricos, diferentes nações conforme a combinação dos tipos de falantes, das funções que o inglês exerce, bem como das normas linguísticas do inglês em cada grupo (MOLLIN, 2006).

Como se pode observar no Quadro 1 a seguir, os países que possuem o inglês como língua nativa ou materna, a exemplo dos EUA, Inglaterra, Austrália, etc., estão concentrados no que Kachru (1985) chamou de Círculo Interno². Nesses países estão aqueles falantes que utilizam o inglês em todos os domínios e para todos os propósitos comunicativos. Tais comunidades são tidas como provedoras da norma (*norm providers*) e possuem suas próprias variedades padrão do inglês. O Círculo Externo³, por sua vez, engloba os países em que o inglês opera como segunda língua (L2), geralmente ex-colônias britânicas, como a Índia, Nigéria, Cingapura, etc. Estes países utilizam o inglês para muitas funções intranacionais e são vistos por Kachru (1985) como implementadores da

² *Inner Circle*

³ *Outer Circle*

norma (*norm developers*), pois se encontram no processo de desenvolver suas próprias variedades, ou como nos acostumamos a falar ou ouvir, os novos ingleses. Por fim, o Círculo em Expansão⁴ simboliza as nações que aprendem o inglês como língua estrangeira, como o Brasil, Japão, Alemanha, Egito, Marrocos, Portugal, Irã e China, por exemplo. Essas comunidades são classificadas como dependentes da norma (*norm dependent*), pois por serem aprendizes da língua, não lhes é facultado, pelo menos por enquanto, o direito de desenvolver e/ou legitimar suas próprias variedades (CRYSTAL, 2003; MOLLIN, 2006; SIQUEIRA, 2011).

	CÍRCULO INTERNO	CÍRCULO EXTERNO	CÍRCULO EM EXPANSÃO
NAÇÕES	EUA, Inglaterra, Austrália, Irlanda, Nova Zelândia, etc.	Índia, Nigéria, Cingapura, Filipinas, etc.	Brasil, Japão, Alemanha, Egito, Marrocos, Portugal, Irã, China, Grécia, etc.
TIPOS DE FALANTES	Falantes nativos	Falantes bi/multilíngues	Falantes não nativos
FUNÇÕES DO INGLÊS	O inglês é usado em todos os domínios e para todos os propósitos comunicativos.	O inglês é usado para muitas funções intranacionais.	O inglês é aprendido como língua estrangeira.
NORMAS LINGÜÍSTICAS	Comunidades ditas provedoras da norma que possuem suas próprias variedades padrão do inglês.	Comunidades vistas como implementadoras da norma e estão no processo de desenvolver suas próprias variedades.	Comunidades classificadas como dependentes da norma. Já que são vistos como aprendizes, os falantes não possuem o direito de desenvolver sua própria variedade.

Quadro 1. Níveis de análise dos três círculos concêntricos de Kachru (1985)

Fonte: Mollin (2006)

Contudo, como bem lembra Seidlhofer (2011), os três círculos concêntricos supracitados mostraram-se conceitualmente problemáticos e, portanto, susceptíveis a várias críticas. Clyne e Sharifian (2008), por exemplo, advogam que o inglês, em razão da rápida globalização da língua, não tem estado confortável dentro da demarcação dos círculos

⁴ *Expanding Circle*

concêntricos acima descritos, e constatam que as fronteiras que os separam têm se tornando cada vez mais porosas. Para exemplificar, os autores acentuam que muitos falantes de países do Círculo Externo e do Círculo em Expansão agora vivem em países do Círculo Interno, e vice versa. E acrescentam que em alguns países do Círculo Externo, como Cingapura, Nigéria e Índia, a LI já vem se tornando a primeira língua de muitos falantes. Além disso, em determinados países do Círculo em Expansão, o inglês tem angariado a condição de L2, como se pode ver em países como a Costa Rica, Bélgica, Dinamarca, Noruega, Sudão, entre outros (CLYNE; SHARIFIAN, 2008).

Embora frente à realidade atual haja limitações nesse modelo proposto por Kachru (1985), os três círculos concêntricos nos ajudam a estimar o número de falantes nativos e não nativos de inglês em todo o globo. Segundo Crystal (2006), uma em cada quatro pessoas em todo o planeta é capaz de se comunicar em inglês em diferentes níveis de proficiência, em especial o nível intermediário, e para cada quatro falantes de inglês no mundo um é falante nativo. Kachru e Smith (2008) ainda informam que o Círculo Externo e o Círculo em Expansão têm, aproximadamente, 800 milhões de pessoas que utilizam o inglês. Em contrapartida, apenas 300 milhões de pessoas usam o inglês como língua materna (L1) no Círculo Interno. Ou seja, uma rápida incursão ao número de falantes globais da língua inglesa demonstra claramente que os chamados falantes nativos são hoje uma minoria dentro de um universo tão diversificado.

É válido salientar que existem várias dificuldades em determinar com precisão o número de usuários de inglês pelo planeta. Uma das restrições se deve ao fato de não haver uma fonte única de informação com o total de usuários de inglês de todos os países do mundo. Além disso, não há como estabelecer de forma precisa qual é a fluência que um falante deve ter para ser considerado um usuário de inglês. Tal fato se aplica, em particular, aos falantes do Círculo em Expansão, que aprendem o inglês como língua estrangeira e, em tese, não têm um contato imediato e corriqueiro com o inglês. Outra dificuldade diz respeito às discussões contenciosas que objetivam definir se os falantes de certos pidgins e crioulos do inglês devem ser incluídos nessa estimativa (MCKAY, 2002).

É oportuno sublinhar que a mundialização do inglês está ligada a duas situações linguístico-culturais diferentes: por um lado, há os países do Círculo Externo, onde o inglês, em decorrência da empreitada colonialista britânica, foi institucionalizado como um meio de comunicação entre as comunidades subjogadas. Por outro lado, existe o inglês global, que, por ser a língua mais difundida e amplamente utilizada para a comunicação internacional e intercultural, transcende todas as fronteiras nacionais, transformando-se em um dos fenômenos mais visíveis da chamada pós-modernidade. Portanto, a diferença entre as formas local e global do inglês, naturalmente, transpõem a distinção Círculo Central/Círculo Externo/Círculo em Expansão, visto que as comunidades que utilizam o inglês com propósitos domésticos no Círculo Externo, bem como os falantes do Círculo Interno, também participam dos usos globais do inglês, fato este que marca a cada vez mais marcante desterritorialização ou desnacionalização da língua. Dizendo de outro modo, o inglês em sua forma global é utilizado entre pessoas de diferentes línguas maternas através de todas as regiões definidas por Kachru (SEIDLHOFER, 2004).

Feitas essas considerações, Mollin (2006) afirma que, por conta de tais características e peculiaridades do avanço do inglês pelo mundo, é necessário, portanto, sem desconhecer o seu valor para um período de pioneirismo nos estudos sobre o tema, reescrever o modelo Kachruviano, essencialmente no que diz respeito às variedades e aos padrões do inglês. Isso por que, tal modelo, vale registrar, não engloba a nova e dominante função do inglês ao redor do mundo, cujas especificidades já não conseguem mais ser representadas pelos termos Inglês como Língua Estrangeira (ILE)⁵, Inglês como Segunda Língua (ISL)⁶ ou Inglês como Língua Nativa (ILN)⁷. Entretanto, por ser útil ao auxiliar na distinção entre os contextos geográficos de uso da LI, a identificação dos três círculos continuará a ser usada ao longo deste trabalho.

⁵ *English as a Foreign Language* (EFL)

⁶ *English as a Second Language* (ESL)

⁷ *English as a Native Language* (ENL)

Ao ser tratado como língua da comunicação global, o inglês passou a receber diferentes terminologias na literatura, conforme o seu estado de variação nos diversos contextos geopolíticos em que se insere. Interessa notar que os múltiplos nomes ora realçam aspectos distintos da expansão e variação da língua, ora se apresentam sobrepostos e intercalados. Deter-nos-emos a comentar, mesmo que brevemente, sobre os termos mais usuais.

A expressão *World Englishes* (WEs), por exemplo, de acordo com Jenkins (2006), tem três possibilidades de interpretação. Primeiro, o WEs pode ser tomado como termo guarda-chuva para as diferentes variedades do inglês propagadas pelo mundo afora, sendo que este sentido do termo também é representado pelas expressões *World English* (no singular), *International English(es)* e *Global English(es)*. Segundo, o termo é utilizado para se referir aos chamados novos ingleses emergentes nos países do Círculo Externo. Os estudos voltados para essa abordagem focalizam as peculiaridades nacionais ou regionais do inglês, sem levar em consideração a variação em nível transnacional (ZAIDAN, 2013). Por fim, a terceira possibilidade de interpretação remete a uma abordagem pluricêntrica do estudo da LI, e é comumente referida como abordagem Kachruviana, pois enfatiza o que Kachru (1985) cunhou de *world-englishness*⁸ que se trata de “[...] um possível conjunto de traços sociolinguísticos que identificariam os usuários da língua em nível transnacional, sublinhando o caráter difusivo e multicultural de seu uso [...]” (ZAIDAN, 2013, p. 18).

O *World English* (WE), por sua vez, é definido por Rajagopalan (2004) como um fenômeno *sui generis* que pertence a todos os seus falantes, mas não se configura L1 de ninguém. Nas palavras do autor, “[...] o WE é uma miscelânea de dialetos e sotaques em diferentes estágios de nativização (ou, contrariamente, fossilização) na qual não existem regras definidas de jogo, as regras são revisadas e reinventadas à medida que o jogo progride”⁹ (RAJAGOPALAN, 2004, p. 115). Com base nisso, entende-se que o WE, com

⁸ Termo traduzido por Zaidan (2013) como “inglesidade mundial”.

⁹ *WE is a hotchpotch of dialects and accents at different stages of nativization (or, contrarily, fossilization) where there are no real rules of the game; if anything, the rules are constantly being revised or reinvented even as the game progresses.*

seu caráter altamente híbrido, rejeita a ideia de que os países do centro, em especial aqueles tidos como hegemônicos, devem continuar ditando as regras da língua.

Já o termo Inglês como Língua Global tornou-se comum desde a primeira edição do livro *English as a Global Language*, de David Crystal em 1997 e, conforme se observa em Erling (2005), a expressão refere-se ao inglês utilizado em todas as circunstâncias do plano global por pessoas de qualquer origem. O seu uso está intimamente ligado à globalização socioeconômica, pois está refletido nos diversos domínios sociais, culturais, econômicos e políticos. Porém, Jenkins (2007) argumenta que o termo é vago porque não deixa transparente o tipo de comunicação que se pretende representar. Ademais, a autora sugere também que, a partir dessa expressão, fica implícito que todas as pessoas em torno do globo falam inglês, mas como o próprio Crystal (2003, p. 28) sinaliza, “[a] pesar do notável crescimento do uso do inglês, pelo menos dois terços da população mundial ainda não o utiliza. Em certas partes do planeta [...], o inglês ainda tem uma presença limitada”¹⁰.

Inglês como Língua Internacional (ILI)¹¹ é outro termo em circulação que se refere ao uso do inglês pelo mundo, e se trata da interação entre pessoas de diferentes nações ou culturas que utilizam diferentes L1s. Em consonância com Seidlhofer (2003, p. 8-9), “[...] sempre que o inglês é escolhido como a opção preferida para a comunicação entre culturas, ele pode ser chamado de ILI”¹². Mas não podemos deixar de mencionar que há bastante controvérsia em torno desse termo, pois, como se sabe, não existe uma variedade unitária, codificada e claramente distinguível chamada Inglês Internacional. Na verdade, pode-se afirmar que o que existe é uma variedade de inglês dos falantes nativos utilizada nas ocasiões globais em que se travam as relações mediadas por essa língua (JENKINS, 2007; SIQUEIRA, 2011).

¹⁰ *Despite the remarkable growth in the use of English, at least two-thirds of the world population do not yet use it. In certain parts of the world [...], English has still a very limited presence.*

¹¹ *English as an International language (EIL)*

¹² *[...] wherever English is chosen as the preferred option for cross-cultural communication, it can be referred to as EIL.*

Frente às múltiplas maneiras de se compreender o inglês nos tempos de globalização, daremos preferência ao termo Inglês como Língua Franca (ILF)¹³, pois, nos colocamos ao lado de Jenkins (2007), quando ela diz que o ILF apresenta um número de vantagens que nenhum outro termo apresenta. Dentre os vários pontos positivos, a autora destaca que

[o] ILF enfatiza o papel do inglês na comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, razão primária para se aprender inglês hoje em dia; sugere a ideia de comunidade em oposição à estranheira; enfatiza que as pessoas têm algo em comum apesar de suas diferenças; implica que a ‘mistura’ de línguas é aceitável... e, que, portanto, não há nada inerentemente errado em manter certas características da língua materna, tal como o sotaque; finalmente, a designação latina remove simbolicamente a propriedade do inglês dos anglos para ninguém e ao mesmo tempo para todo mundo¹⁴ (JENKINS, 2000, p. 11 *apud* JENKINS, 2007, p. 3-4).

Nos termos apontados pela autora, reconhecemos que o ILF, mais do que qualquer outra denominação, deixa bem explícito que são os falantes não nativos do inglês que estão estimulando o desenvolvimento da língua em seus usos locais e globais. Diante disso, na próxima seção, buscaremos oferecer uma clara definição desse paradigma, bem como apresentar algumas de suas principais características.

ILF – uma pormenorização do fenômeno

De início, convém ressaltar que, fundamentalmente, uma língua franca é concebida como “uma língua de contato usada entre pessoas que não compartilham uma primeira língua, e é comumente entendida como a segunda língua ou língua subsequente de seus

¹³ *English as a Lingua Franca (ELF)*

¹⁴ *ELF emphasizes the role of English in communication between speakers of different L1s, i.e. the primary reason for learning English today; it suggests the idea of community as opposed to alienness; it emphasizes that people have something in common rather than their differences, it implies that “mixing” languages is acceptable ... and thus that there is nothing inherently wrong in retaining certain characteristics of the L1, such as accent; finally, the Latin name symbolically removes the ownership of English from the Anglos both to no one and, in effect, to everyone.*

falantes”¹⁵ (JENKINS, 2007, p. 1). Apreende-se dessa concepção que os falantes nativos devem ser excluídos da definição do ILF. É o que se observa em House (1999, p. 74 *apud* SEIDLHOFER, 2004, p. 211) quando ela afirma que “[a]s interações do ILF são definidas como interações entre membros de duas ou mais linguaculturas diferentes em inglês, para quem o inglês não é a língua materna”¹⁶. Da mesma maneira, Firth (1996, p. 240 *apud* SEIDLHOFER, 2004, p. 211) define o ILF como uma “[...] língua de contato entre pessoas que não compartilham uma língua nativa comum, nem uma cultura (nacional) comum, e para quem o inglês é a língua estrangeira de comunicação”¹⁷. Se o ILF é concebido desse modo, então, obviamente, nenhum de seus falantes pode ser considerado um falante nativo (JENKINS, 2007).

De fato, dado o caráter global da comunidade linguística, o ILF, geralmente, refere-se ao inglês utilizado entre falantes não nativos do Círculo em Expansão, onde o potencial de difusão contínua da língua é maior (MCKAY, 2002). Mas isso, seguramente, não implica que os falantes dos Círculos Interno e Externo estejam excluídos da definição de ILF (JENKINS, 2009). Com isso em mente, concordamos com Seidlhofer (2011, p. 7), para quem o ILF consiste no “[...] uso do inglês entre falantes de línguas nativas diferentes, para os quais o inglês é o idioma de comunicação escolhido e, geralmente, a única opção”¹⁸. Também nos apoiamos em Jenkins (2007, p. 2) que compreende o ILF “[...] como uma língua em desenvolvimento que existe *por mérito próprio* e está sendo descrita *em seus próprios termos*, e não em comparação com o ILN”¹⁹ (ênfase da autora).

¹⁵ [...] a contact language used among people who do not share a first language, and is commonly understood to mean a second (or subsequent) language of its speakers.

¹⁶ ELF interactions are defined as interactions between members of two or more different linguacultures in English, for none of whom English is the mother tongue.

¹⁷ [...] contact language” between persons who share neither a common native tongue nor a common (national) culture, and for whom English is the chosen foreign language of communication.

¹⁸ [...] use of English among speakers of different first languages for whom English is the communicative medium of choice, and often the only option.

¹⁹ “[...] an emerging language that exists **in its own right** and is being described **in its own terms** rather than by comparison with ENL.”

Em face dessa perspectiva, podemos dizer que o ILF é uma língua de contato que não depende das normas dos falantes nativos. Em outras palavras, esse inglês que tem se desenvolvido mundialmente, diz-nos Widdowson (1994, p. 385), “[...] não é da conta de nenhum falante nativo da Inglaterra, dos Estados Unidos, ou de qualquer outro lugar”²⁰. Afinal, os falantes não nativos atuam em condições diferentes, possuem propósitos distintos, têm outros recursos linguísticos à sua disposição e, portanto, utilizam, naturalmente, a língua de formas diferentes (SEIDLHOFER, 2011).

Cogo (2010), por sua vez, explicita que pesquisas empíricas em torno do ILF têm evidenciado que casos de mal-entendidos entre interlocutores são raros e que quando eles ocorrem, desde que seja conveniente para a situação, os falantes recorrem a certas estratégias para negociar o significado e acomodar as possíveis diferenças. Diante disso, em consonância com Cogo (2010) e outros pesquisadores, não podemos nos furtar de esclarecer que o ILF é, na realidade, uma questão de negociação mútua que envolve esforços e ajustes de todas as partes, ou seja, trata-se de uma via de mão dupla, em que os falantes nativos também são responsáveis pelo sucesso na comunicação (JENKINS 2007, 2009) e não apenas os não nativos a partir de suas supostas “deficiências” linguísticas e culturais, como, equivocadamente, tem preconizado a tradição no Ensino de Língua Inglesa (ELI)²¹ ao longo de décadas.

As práticas interacionais estratégicas que os falantes empregam para evitar e adequar os problemas de entendimento, como, por exemplo, mudança de código, repetição, paráfrase, dentre outros, fazem parte de um “trabalho proativo” que é bastante característico da comunicação do ILF (COGO, 2010). Schmitz (2012, p. 264) confessa que o que lhe chama particular atenção nas interações do ILF “[...] é o fato de que quando os participantes não conseguem se entender, eles [...] tentam negociar o significado de outra maneira”. “Além disso”, complementa o autor, “parece que os diferentes interlocutores não

²⁰ [...] is no business whatever of native speakers in England, the United States, or anywhere else.

²¹ English Language Teaching (ELT)

corrigem uns aos outros e nem monitoram o uso um do outro”²². O que se nota, portanto, é que os usuários do ILF exploram de forma ampla os recursos próprios da língua,

[...] focalizando as características de valor funcional máximo e descartando aquelas que são supérfluas às suas necessidades comunicativas. [...] ao fazerem isso, eles se concentram apenas no que a língua tem de essencial para torná-la mais eficiente para seus propósitos, e também projetam suas identidades de falantes não nativos²³ (SEIDLHOFER, 2011, p. 156).

Sob essa ótica, o inglês com sua função de língua franca é um recurso vibrante, poderoso e versátil, cujo objetivo está centrado na comunicação, inteligibilidade e eficiência. Parece-nos sensato dizer, então, que os falantes não nativos devem ser vistos como usuários legítimos da língua, que utilizam o inglês a seu próprio favor, nele imprimindo suas marcas, evidenciando suas identidades através da língua e utilizando-a de forma cada vez mais criativa.

Nesse sentido, o que podemos ver no ILF é que a língua passa por um processo dinâmico de adaptação e alteração para atender às mais diferentes necessidades dos falantes em cenários distintos (SEIDLHOFER, 2011). Trata-se, desta forma, de uma língua que pertence a todos que a utilizam, e que é substancialmente moldada pelos inúmeros falantes multilíngues espalhados pelos quatro cantos do planeta (SCHMITZ, 2012). Diante desse quadro, aqueles que são contra a adoção do paradigma do ILF temem que, sem o controle sobre a língua, a LI irá se desintegrar e tornar-se incompreensível. Widdowson (1994, p. 385) se posiciona a respeito desse aspecto em particular explicando que

[u]ma língua internacional tem que ser uma língua independente, mas isso não significa que ela irá se dispersar em variedades ininte-

²² [...] is the fact that when the participants fail to understand one another, they [...] attempt to negotiate meaning in a different way. In addition, it would appear that the different interlocutors do not correct one another or monitor the usage of one another.

²³ [...] by focusing on features of maximal functional value and discarding those that are surplus to their communicative requirement [...] they can be seen as focusing on what is essential in the language to make it more efficient for their purposes, as well as projecting their non-ENL identities.

ligíveis. Ela irá se estabilizar naturalmente em um padrão que atenda às necessidades das comunidades envolvidas. Assim, é indispensável aos interesses da comunidade internacional como, por exemplo, os cientistas ou pessoas de negócios, independentemente da sua língua materna, preservar um padrão comum de inglês, a fim de assegurar padrões de eficácia comunicativa.²⁴

A partir desse posicionamento, fica nítido que, mesmo em meio à diversidade cada vez mais marcante, emerge uma tendência natural para a padronização da língua que, ao que tudo indica, será reforçada pela amplificação das redes de interação devido à evolução da tecnologia da informação e telecomunicações (WIDDOWSON, 1994). Pesquisas demonstram que não há nenhuma relação válida e direta entre a eficiência na comunicação e a adesão a um conjunto de normas linguísticas. Pelo contrário, como aponta Dewey e Leung (2010), estudos recentes sobre o ILF apontam que a flexibilidade no uso de recursos linguísticos pode melhorar a eficácia e efetividade da comunicação. Fica explícito, então, que a consciência linguística e cultural, e ainda, a habilidade do falante de interagir e negociar com seus interlocutores, irá influenciar muito mais na estabilização da língua do que o conhecimento das normas padrão dos falantes nativos.

Os usos da língua em contextos de interações mediados por tecnologias digitais de comunicação, muitas vezes temporários e instáveis, provocam mudanças radicais na sociedade e inevitavelmente na maneira em que concebemos comunidade, variedade, dentre outras categorias convencionais (DEWEY; LEUNG, 2010). Por pertencerem a diferentes comunidades linguístico-culturais, os usuários do ILF não compõem uma comunidade de fala, como é convencionalmente concebido pela sociolinguística, mas constituem uma “comunidade de prática”, conforme discutido em Hülmbauer *et al.* (2008) e também em Seidlhofer (2011). As comunidades de prática não dependem do contato face-a-face imediato, por isso, são formadas a nível mundial, cujos membros, localizados a milhares de

²⁴ *An international language has to be an independent language. It does not follow logically, however, that the language will disperse into mutually unintelligible varieties. For it will naturally stabilize into standard form to the extent required to meet the needs of the communities concerned. Thus it is clearly vital to the interests of the international community of, for example, scientists or business people, whatever their primary language, that they should preserve a common standard of English in order to keep up standards of communicative effectiveness.*

quilômetros de distância uns dos outros, não compartilham uma língua nativa. Desse prisma, para atender a contingências comunicativas práticas, o ILF entra em ação “[...] como um novo tipo emergente de variedade, criado e usado por um novo tipo emergente de comunidade [...]”²⁵ (HÜLMBAUER *et al.*, 2008, p. 29).

Como visto, no atual contexto de mudança paradigmática, temos que enfrentar inúmeros desafios conceituais que não se limitam a ideias tradicionais do que se constitui uma língua. Contudo, consoante Seidlhofer (2011), o reconhecimento de que o mundo tem mudado não implica necessariamente que as pessoas vão rever velhos conceitos. “Mudança e preservação, por conseguinte, estão em constante tensão [...] Como consequência, é natural que haja um tempo de atraso entre perceber que a mudança ocorreu e, realmente, fazer os ajustes conceituais necessários”²⁶ (SEIDLHOFER, 2011, p. 82).

No que tange ao contexto educacional, os principais argumentos apresentados por pesquisadores do ILF, representam desafios fundamentais aos pressupostos tradicionais da natureza do ensino e aprendizagem de LI (DEWEY; LEUNG, 2010). É sobre as implicações cruciais que o ILF traz para as atuais práticas pedagógicas que nos deteremos a seguir.

Novas prioridades para o ensino e aprendizagem de LI

Como vimos discutindo, para atender à comunidade global, o inglês passou a ter novos papéis e variadas funções que têm gerado inúmeros questionamentos em torno dos princípios e da prática convencional do ELI. Consoante Jenkins, Cogo e Dewey (2011, p. 305), as implicações pedagógicas do ILF incluem, essencialmente, “[...] a natureza do PROGRAMA DE ENSINO, MATERIAIS DE ENSINO, ABORDAGENS e

²⁵ [...] as a new emergent kind of variety created and used by a new emergent kind of community [...]

²⁶ Change and preservation are thus in constant tension [...] As a consequence, it is natural for a time-lag to develop between realizing that change has happened and actually making the necessary conceptual adjustments.

MÉTODOS, AVALIAÇÃO DA LI, e, por fim, a BASE DE CONHECIMENTO dos professores”²⁷ (destaques dos autores).

A variabilidade extremamente dinâmica do ILF requer uma pedagogia informada por uma teoria de ensino e aprendizagem que seja suficientemente capaz de dar conta dessa diversidade. Por conseguinte, os objetivos e abordagens de ensino devem ser inadiavelmente repensados (MCKAY, 2002). De acordo com McKay (2002, p. 129), “[o] conceito de pensar globalmente e agir localmente é altamente relevante [...]”²⁸ e traz consigo três pressupostos que devem ser ponderados: a) a natureza transcultural do uso do inglês em comunidades multilíngues; b) a descentralização dos modelos do falante nativo; e c) o reconhecimento das variedades do inglês resultantes da expansão global da língua.

Tendo delineado tais pressupostos, McKay (2002) sugere os seguintes objetivos pedagógicos: a) garantir a inteligibilidade em vez de insistir na correção; o foco deve ser direcionado aos padrões particulares de pronúncia, gramática e inovações lexicais que causam problemas na comunicação; b) ajudar os aprendizes a desenvolver estratégias que estimulem o respeito nas relações com falantes de outras culturas, sendo necessário enfatizar que regras pragmáticas variam transculturalmente e devem ser mutuamente acomodadas; c) promover a competência textual, ou seja, desenvolver habilidades de leitura e escrita para fins selecionados pelos aprendizes.

Quanto às abordagens de ensino, McKay (2002) pontua que é indispensável ser culturalmente sensível à polifonia dos contextos em que o inglês é ensinado e utilizado nos tempos atuais. Isso sugere que o uso predominante dos conteúdos culturais voltados basicamente para valores ocidentais nos materiais didáticos deve ser contestado. Igualmente indispensável é a necessidade de se respeitar a cultura local de aprendizagem que, por sua vez, depende de uma análise minuciosa de cada uma das salas de aula espalhadas pelo mundo.

²⁷ [...] *the nature of the LANGUAGE SYLLABUS, TEACHING MATERIALS, APPROACHES and METHODS, LANGUAGE ASSESSMENT and ultimately the KNOWLEDGE BASE of language teachers.*

²⁸ *The concept of thinking globally but acting locally is highly relevant [...]*

Esse paradigma de ensino mais condizente com a realidade plural atual, como uma questão de princípio, deve estar centrado no aprendiz, libertando-o de um confinamento rigoroso à conformidade das normas dos falantes nativos, empoderando-o, levando-o a se apropriar da língua, e, finalmente, encorajando-o a, cada vez mais, ter e demonstrar iniciativa e autonomia (SEIDLHOFER, 2011). Para tanto, Jenkins, Cogo e Dewey (2011) informam que é imperativo proporcionar oportunidades para que os estudantes possam desenvolver a capacidade de adaptar, negociar e mediar a comunicação de forma dinâmica em qualquer contexto que seja significativo para as suas necessidades individuais.

As decisões que os professores vão tomar, nos lembra Seidlhofer (2011), serão sempre uma questão local. Cabe aos profissionais de ELI, assim, decidir os aspectos da língua que devem ser selecionados e como devem ser apresentados aos estudantes, de forma a ativar o processo de aprendizagem. Tendo em vista que o modelo de instrução adequado depende da familiaridade com a realidade do aprendiz, os professores não nativos têm uma clara e decisiva vantagem sobre os professores nativos, pois aqueles sabem o que é apropriado em contextos específicos de aprendizagem e podem representar modelos relevantes para seus alunos (WIDDOWSON, 1994).

Outra particularidade de valor singular a ser registrada é que o professor precisa enxergar os estudantes como pessoas que cresceram no contexto de uma cultura diferente daquela dos falantes nativos da LI. Além disso, é preciso estar atento às diferenças e similaridades que podem existir entre a L1 e a língua alvo (JENKINS, 2007). A experiência linguística prévia dos alunos exerce um papel preponderante na aprendizagem da LI, pois a L1 ajuda a naturalizar a nova língua e age contra a “estrangeiridade”, levando os aprendizes a apropriar-se da língua como um recurso comunicativo. Desse modo, vale frisar, não é a obediência às formas linguísticas que devem ser focalizadas no processo de aprendizagem, mas como essas formas efetivamente funcionam na comunicação (SEIDLHOFER, 2011). Entende-se com isso que

[...] o que é crucial não é tanto que língua é apresentada como input, mas o que os aprendizes fazem dessa língua e como eles a utilizam para desenvolver a capacidade de expressar-se. A importância pedagógica da perspectiva do ILF é que ela muda o foco de atenção para o aprendiz e para o processo de aprendizagem [...] um entendimento do ILF não conduz à especificação de como deve ser o conteúdo da língua (embora isso possa sugerir alguma adaptação de prioridades), mas à necessidade de uma mudança na atitude do professor. E isso, em contrapartida, provavelmente, mudaria a própria atitude dos aprendizes [...]”²⁹ (SEIDLHOFER, 2011, p. 198-199).

Podemos afirmar, então, que os falantes do ILF não devem ser considerados simples aprendizes, mas, fundamentalmente, usuários da língua, cujo principal interesse não é a correção formal, mas a efetividade funcional (HÜLMBAUER *et al.*, 2008). Contudo, é comum supor que primeiro a língua deve ser aprendida para depois ser utilizada. Outro equívoco comum consiste em acreditar que se a língua não é aprendida de forma apropriada, ela não pode ser utilizada de forma eficiente.

Com os falantes do ILF, ao contrário do que se pensa, uso e aprendizagem são processos simultâneos; ou seja, a língua é aprendida na medida em que se faz uso dela, e ao utilizá-la em seus próprios termos, os falantes, naturalmente, desenvolvem ainda mais a capacidade de aprender (SEIDLHOFER, 2011). Sob esse ponto de vista, “[...] o inglês dos falantes nativos é somente uma forma, e não a única forma, de jogar o jogo da língua inglesa[...]”³⁰ (SEIDLHOFER, 2011, p. 119). Logo, jogar o jogo de uma forma diferente não pode ser considerado um erro, mas uma evidência de aprendizagem bem sucedida.

É primordial que se entenda que o objetivo dos pesquisadores do ILF não consiste em propor um modelo alternativo de inglês, muito menos a ideia equivocada de mais uma versão monolítica da língua que deve ser transplantada para todas as salas de aula.

²⁹ [...] *what is crucial is not so much what language is presented as input but what learners make of it, and how they make use of it to develop the capability for languaging. The pedagogic significance of an ELF perspective is that it shifts the focus of attention to the learner and the learning process [...] an understanding of ELF leads not to the specification of ELF-like language content (although it might suggest some adaptation of priorities), but to the need for a change in teacher attitude. And this, in turn, would of course be likely to change the learners' own attitude [...]*

³⁰ [...] *ENL is only one way, not the only way, of playing the English language game [...]*

Quanto a esse assunto, Jenkins, Cogo e Dewey (2011) esclarecem que um propósito central da pesquisa em torno do ILF é sensibilizar professores e alunos acerca da natureza heterogênea da língua. Os autores intensificam essa ideia, declarando que a pesquisa do ILF não pretende determinar

[...] o que deve e o que não deve ser ensinado na sala de aula de língua. Ao invés disso, os pesquisadores do ILF sentem-se na responsabilidade de disponibilizar estudos atuais que possibilitem aos professores reconsiderarem suas crenças e práticas e tomarem decisões mais informadas sobre o sentido do ILF em seus próprios contextos de ensino³¹ (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p. 306).

Diante do exposto, fica evidente que as investigações sobre o paradigma do ILF buscam descrever e melhor compreender esse fenômeno emergente que tem se tornado tão notável em nosso mundo globalizado. Desta forma, reconhecer a natureza plural e complexa da LI em uso é um passo de crucial importância para se pensar como práticas tradicionais, até hoje defendidas e continuamente difundidas, podem (e devem) ser revistas e reconstituídas.

Considerações finais

A partir de um entendimento concreto sobre o novo estatuto da LI, podemos concluir que tratar o inglês como uma língua absolutamente estrangeira em sala de aula não mais condiz com o contexto atual de ensino e com a realidade do mundo contemporâneo. Além disso, não cabe mais aos professores prosseguir insistindo que os alunos atinjam o fictício nível de proficiência de um estadunidense ou de um britânico, sob a pena de deixá-los inibidos, quando não traumatizados, de tanto serem corrigidos; e, tam-

³¹ [...] *what should or should not be taught in the language classroom. Rather, ELF researchers feel their responsibility is to make current research findings accessible in a way that enables teachers to reconsider their beliefs and practices and make informed decisions about the significance of ELF for their own individual teaching contexts.*

pouco, continuar virando as costas para o que os alunos conhecem do inglês oriundo de seus encontros cotidianos com a língua fora do espaço-tempo da educação formal.

Contrariamente, verifica-se que o inglês ainda não passou por uma reconceitualização radical e, de forma generalizada, o ensino e aprendizagem da língua têm sido isolados dos desenvolvimentos sociais, culturais e linguísticos do mundo real (SCHMITZ, 2012). Apoiados em Sifakis (2014), verificamos que os maiores obstáculos para aderir aos princípios orientadores do ILF englobam exatamente a preponderância das práticas estabelecidas e as fortes percepções dos principais interessados, quais sejam, os responsáveis pelas decisões políticas, os desenvolvedores de materiais didáticos e os próprios professores que, na maioria das vezes, apresentam uma grande resistência com relação à mudança.

Dessa forma, as ponderações aqui lançadas podem servir como um ponto de partida para as discussões entre os professores, para o intercâmbio de ideias relacionadas à integração do paradigma do ILF e para iniciativas de reavaliar e reconsiderar as práticas de ensino existentes. As nossas reflexões indicam, sobretudo, a necessidade de um amplo debate acerca do papel hegemônico da LI no mundo, de buscar soluções locais para as tensões enfrentadas pelos alunos e, finalmente, de preparar os aprendizes não somente para lidar, mas também para contribuir com o mundo diverso e intercultural em que vivemos.

ENGLISH AS A LINGUA FRANCA: FROM THE WORLD SCENE TO THE CLASSROOM SCENE

ABSTRACT: To serve the global community, the English Language (EL) has now different roles and functions, giving rise to a variety of Englishes that develops in different scenarios with their own norms. From this perspective, this article aims at highlighting the relevance of the EL in the current global setting, pointing out the guiding principles of English as a Lingua Franca (ELF) and enhancing the pedagogical implications of the English view that includes the world. The literature used to support and direct this work is based on works of researchers affiliated with recent studies about ELF as Seidlhofer (2003, 2004, 2011), Jenkins (2006, 2007, 2009), Widdowson (1994), Siqueira (2011), Sifakis (2014), to name a few. From the undertaken discussion it will be possible to understand the potential challenges and new priorities that incur on EL education in this postmodern era.

KEYWORDS: English as a Lingua Franca; Global community; Pedagogical implications.

Referências

- CLYNE, M; SHARIFIAN, F. English as an international language: Challenges and possibilities. *Australian Review of Applied Linguistics*, v. 31, n. 3, p. 28.1-28.16, 2008.
- COGO, A. Strategic use and perceptions of English as a lingua franca. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*, v. 46, n. 3, p. 295-312, 2010.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- _____. English Worldwide. In: HOGG, R.; DENISON, D. (Org.). *A history of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 420-439.
- DEWEY, M.; LEUNG, C. English in English Language Teaching: shifting values and assumptions in changing circumstance. *Working Papers in Educational Linguistics*, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2010.
- ERLING, E. J. The many names of English. *English Today*, v. 21, p. 40-44, 2005.
- HÜLMBAUER, C; BÖHRINGER, H; SEIDLHOFER, B. Introducing English as a lingua franca (ELF): Precursor and partner in intercultural communication. *Synergies Europe*, n. 3, p. 25-36, 2008.
- JENKINS, J. Current perspectives on teaching world Englishes and English as a lingua franca. *TESOL Quarterly*, v. 40, n. 1, p. 157-181, mar. 2006.
- _____. *English as a lingua franca: attitude and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. English as a lingua franca: interpretations and attitudes. *World Englishes*, v. 28, n. 2, p. 200-207, 2009.
- JENKINS, J.; COGO, A.; DEWEY, M. Review of developments in research into English as a lingua franca. *Language Teaching*, v. 44, n. 3, p. 281-315, 2011.
- KACHRU, B. B. Standards, Codification, and Sociolinguistic Realism: The English language in the Outer Circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Org.). *English in the World: teaching and learning the language and literatures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.
- KACHRU, Y.; SMITH, L. E. *Cultures, Contexts, and World Englishes*. New York: Routledge, 2008.
- LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, V. J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001. p. 333-355.

MCKAY, S. L. *Teaching English as an international language: rethinking goals and approaches*. Hong Kong: Oxford University Press, 2002.

MOLLIN, S. English as a Lingua Franca: A New Variety in the New Expanding circle? *Nordic Journal of English Studies*. 2006. p. 41-57.

RAJAGOPALAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. *ELT Journal*, v. 58/2, p. 111-117, 2004.

SCHMITZ, J. "To ELF or not to ELF?" (English as a Lingua Franca): That's the question for Applied Linguistics in a globalized world. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 249-284, 2012.

SEIDLHOFER, B. *Concept of International English and related issues: from 'real English' to 'realistic English'?* Strasbourg: Council of Europe, 2003.

_____. Research perspectives on teaching English as a Lingua Franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 24, 2004. p. 209-239.

_____. *Understanding English as a lingua franca*. Oxford, UK/China: Oxford University Press, 2011.

SIFAKIS, N. C. ELF awareness as an opportunity for change: a transformative perspective for ESOL teacher education. *Journal of English as a Lingua Franca*. Vol. 3, p. 317-335, Ago. 2014.

SIQUEIRA, D. S. P. World Englishes, World English, Inglês como língua internacional, inglês como língua franca. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 333-354.

WIDDOWSON, H. G. The Ownership of English. *TESOL Quarterly*, v. 28, n. 2, p. 377-389, 1994.

ZAIDAN, J. C. S. de M. *Por um inglês menor: a desterritorialização da grande língua*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

*Recebido em 02/04/2016.
Aprovado em 21/06/2016.*